

**ETNICIDADE E RELIGIOSIDADE NA RECONFIGURAÇÃO
IDENTITÁRIA: FORJANDO UM CURRÍCULO INSTITUINTE NO
QUILOMBO CONTEMPORÂNEO DO OESTE DA BAHIA**

Rogério Lima Vidal

Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEDUC. UNEB. Bolsista da FAPESB (Fundação de Amparo a Pesquisa). Pesquisador do NGEALC (Núcleo de Estudos Africanos e Afrobrasileiros em Línguas e Cultura). Membro do Grupo de pesquisa Educação Desigualdade e Diversidade.
Pessoa_vidal@yahoo.com.br

RESUMO

O artigo encontra-se em consonância com a pesquisa de Mestrado pelo Programa de Pós Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC-UNEB) e objetiva discutir os processos de formação identitário, étnico racial quilombola das crianças do Mucambo mediante sua participação nas tradições religiosas da comunidade, constituindo elementos forjadores de um currículo instituinte. A base metodológica desse estudo é de abordagem qualitativa, de caráter etnográfico Ludke e André (1986). A base teórica que sustenta nossas discussões se apoia em Munanga (2005); Gomes (2005); Silva (1999). Demonstrando a aproximação de um educar não institucionalizado, mas, que através do lúdico, aprendem estes fazeres e expandem sua imaginação e suas referências de mundo.

Palavras Chaves: Quilombos, currículo e educação.

ABSTRACT

The article is in line with research by Masters Graduate Program in Education and Contemporary (PPGEduC – UNEB) and discusses the processes of identity formation, ethnic, racial quilombola Children's Mucambo through their participation in the religious traditions of the community constituting elements forgers of instituting a curriculum. The

methodological basis of this study is a qualitative, ethnographic character Ludke and Andrew (1986). The theoretical basis that underpins our discussions relies on Munanga (2005), Gomes (2005), Silva (1999). Demonstrating an approaching educate not institutionalized, but that through play, learn these doings and expand their imagination and their referrals world.

Key Words: Quilombo, curriculum and education.

INTRODUÇÃO:

Etnicidade e Territorialidade: *na composição de um quilombo contemporâneo.*

O território, enquanto campo de afirmação de identidade, é essencial para a noção de quilombos contemporâneos. Essa referência produz os seus territórios, suas religiosidades e os significados ligados à terra, enquanto um bem passado por gerações e produto de resistência política, coletiva e dialogada. "A terra (território) torna-se um valor de vida, um espaço de relações vividas, fruto da memória e da experiência pessoal compartilhada." (MALCHER, 2009, p.411). Esses fatores transmitem posições que definem um quilombo contemporâneo.

A concepção de quilombos, como espaços de resistência política, busca desenvolver uma noção de elementos étnicos e sócio-territoriais inseridos nas vivências dos seus sujeitos. A inserção deste discurso retira concepções existentes de remanescentes de quilombos fundados nos termos de fuga, isolamentos e comunidades estáticas, presas aos processos decorrentes da escravidão e do seu fim.

A condição resumida de pensar as comunidades quilombolas como resultantes da fuga de negros escravizados, territórios isolados, reprodutores de uma cultura africana hermética desconsidera a própria dinâmica territorial destas comunidades. A organização política, a (re) construção cultural e religiosa revelam que os quilombos não estão e nunca estiveram isolados da sociedade envolvente.

O termo remanescente trás as "reminiscências" de territórios isolados de forma geográfica e social. Inseja o imaginário de considerá-los como esconderijos de negros fugidos, do trabalho escravo, marcados por uma cultura e organização própria que se diferenciaria da sociedade envolvente, imutáveis no tempo e no espaço.

As contribuições de Moura (2001) implicam na visibilidade de uma identidade que, vinculada à territorialidade desvenda a reinvenção do ser quilombola, para além das conformidades imaginadas.

“O quilombo era uma sociedade alternativa ou paralela de trabalho livre encravada no conjunto do escravismo colonial que constituía a sociedade maior e institucionalizada. O seu agente-social era o negro-escravo inconformado que traduzia este sentimento no ato de fuga” (MOURA, 2001, p. 103).

A desconsideração histórica da diversidade de situações de lutas, reivindicações e práticas educativas que caracterizam a pluralidade destas comunidades, descendem dos condicionantes jurídicos, políticos e acadêmicos. O termo remanescente utilizado no “Artigo 68” do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal do Brasil privilegiam os valores sócio-culturais pautados na lógica eurocêntrica em detrimento de valores existenciais próprios destas comunidade.

Segundo Gusmão (1995) “remanescente” sujere uma espécie de resto ou sobra, que exige uma reflexão crítica, mediante a realidade de comunidades em constante diálogo com o presente. As formas organizativas e trânsito social dos quilombolas com outras sociedades deslocam a ideia de não estáticos.

Nesta perspectiva, as tradições, os costumes e a história de cada um, compartilhada por todos, representam a consolidação de uma territorialidade própria. “Assim considero mais apropriada a denominação quilombos contemporâneos, porque a expressão subentende a ideia de resgate e de atualização da experiência das comunidades que, como vimos, não são formações estáticas” (GUSMÃO *apud* SILVA, p. 279).

A diversidade cultural não representa a noção de isolamento geográfico e social. É necessário atentar para as fronteiras entre os grupos e não para as diferenças existentes neles, pois, apesar da interação entre as comunidades quilombolas que sempre existiram, há diferenças que permitem identificar quem pertence a determinado grupo.

As diferenças culturais não são fixas, Barth (1998) e podem sofrer modificações mediante aos processos territoriais destes grupos e das interações que estabelecem com as outras sociedades mais amplas. A etnicidade enquanto traço fundamental das comunidades quilombolas, na contemporaneidade, representa uma autoafirmação de um por todos. “[...] a característica da auto-atribuição ou a da atribuição por outros a uma categoria étnica” (BARTH, 1998, p. 193).

Desse modo a auto-atribuição é materializada nas relações sociais, no convívio religioso, do qual exala práticas educativas. Esses traços culturais, constituídos pela socialização de todos, demarcam suas diferenças como um grupo em relação a outros e, que

podem ser sentidos pelas tradições religiosas em constante reinvenção; os saberes orais e a memória coletiva caracterizam a dinâmica da etnicidade.

No quilombo Mucambo, essas relações se fazem presentes no campo religioso como um veiculador de práticas educativas para as novas gerações. Os traços culturais que marcam as tradições desempenham, nas crianças, um veiculador de aprendizagens e demarcador de suas identidades. As suas participações nos festejos visibilizam a etnicidade, enquanto recria a identidade quilombola. Há neste conjunto de interações um currículo étnico *instituinte* que propaga dimensões simbólicas e mitológicas no interior de um quilombo.

As nossas intenções, no texto, consistem em demonstrar como as crianças **expressam** nas atividades lúdicas as suas experiências vividas pela tradição que coadunam com um processo educativo. O exercício em revigorar a memória étnica, as lições de sabedorias para poder transmiti-las às futuras gerações se caracteriza num processo de ensino e aprendizagem nesta comunidade.



Foto da entrada do Mucambo.

Localizada na região Oeste da Bahia a comunidade de Mucambo fica a 15 quilômetros da sede do Município de Barreiras, que, por sua vez, está localizado a 870 quilômetros de Salvador e a 650 quilômetros de Brasília – Distrito Federal. A comunidade está enraizada na margem esquerda do Rio Grande. Designação originária dos povos Bantus, a palavra Mucambo significa abrigo, esconderijo ou cumeeira. Segundo Brandão *apud* Silva (1999) o

termo tem uma ligação com habitação, moradia. Trata-se de um “aportuguesamento” do *quimbundo mutambo*, significativo de telheiro ou cumeeira da casa.

O contexto religioso do Mucambo encontra-se em um emaranhado de práticas em constante renovação. Há uma oralidade que se realiza permanentemente no exercício de guardar a memória e movimentá-la. As lições de sabedoria, as experiências dos ancestrais são transmitidas aos seus descendentes. “A tradição pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra” (VANSINA, 1982, p.140). Neste sentido, é sempre na perspectiva de formar novas gerações, sobre valores, princípios, crenças e costumes que mantém viva a ancestralidade originária dos marcos civilizatórios formadores da nossa pluralidade cultural.

A festa do Divino, o Samba de Santo Reis e outras tradições religiosas, vivenciadas no Mucambo, representam o referencial étnico que exala a força de um fazer religioso construtor de identidades. Segundo Gomes (2008, p. 41) as noções de identidade estão fincadas nos planos dos discursos do eu e na recorrência da busca de “nós coletivo”, assim, este discurso aparece como uma reivindicação de valores, afirmações e respeito, estando acrescidos de um sentido de igualdade diluída na solidariedade, tornando-se um recurso indispensável à luta pelos direitos sociais políticos e humanos.

Ao celebrar suas tradições os *Mucambeiros** reafirmam suas histórias coadunadas pela memória coletiva, as quais conduzem à reconstrução temporal de um passado, intercalado no tempo presente para agir no futuro. Uma vez servindo ao futuro, a memória coletiva pode auxiliar “para libertação e não para a servidão dos homens” (LE GOFF, 1992, p. 471).

Nesse sentido, as tradições religiosas dos *Mucambeiros* revelam fragmentos das suas histórias, do seu lugar, da sua comunidade; devolvem o tempo esquecido e reestrutura novas modulações religiosas e identitárias, alinham pulsões de afirmação grupal, mediados pelo rememorar.

Tomando como base o diálogo construído nestas primeiras abordagens, o nosso trabalho objetivou entender como a religiosidade vivenciada nas tradições no Mucambo potencializa interações como um elaborador de uma identidade quilombola nas crianças. É através deste fazer entre o lúdico e o religioso que se constitui um currículo instituinte. A construção desse currículo ocorre em um processo histórico, no qual as linguagens musicais e corporais desempenham um papel essencial.

* A designação pelo termo *Mucambeiro* é advinda de uma autoafirmação instituída pelos mais velhos moradores da Comunidade que mantém oxigenada as marcas de suas tradições.

2. Situando o espaço da pesquisa, seus participantes e os caminhos condutores do estudo.

Os nossos sujeitos da pesquisa constituem de 12 crianças, cujo quantitativo se divide em 5 meninos e 7 meninas entre 8 a 11 anos de idade todos residentes no Mucambo e estudantes da escola Municipal Dr. Abílio Faria, a única instituição escolar na comunidade. O percurso metodológico, no primeiro momento, se dá com a identificação do local onde seria gerada a pesquisa, cujas bases compreendem as orientações de Ludke & André (1986) no que tange a pesquisa qualitativa, pois é necessário, primeiramente, conhecer o campo em que irá colher as informações, bem como se familiarizar com as situações cotidianas deste campo.

O recurso utilizado para obtenção das informações foi a observação participante com anotações no caderno de campo através da técnica do grupo focal, que conforme Gatti (2005) “A técnica de grupos focais abrange algumas disposições circunstanciais no sentido do grupo estudado pertencer a um mesmo foco, sendo que os integrantes possuam características em comum, que os homogeneizam no aspecto do raio de discussão” (GATTI, 2005, p. 08).

Aliado às considerações de Ludke & André (1986, p. 14) quando propõe a pesquisa etnográfica [...] como sendo “configurada na descrição de um sistema de significados culturais de um determinado grupo” [...] sendo um estudo com propósitos sustentados a interpretar aquilo que ocorre no grupo estudado, foram realizadas observações e conversas abertas com os mais velhos da comunidade.

A divulgação das produções realizadas pelas crianças e suas imagens contidas nas fotos durante as festividades foram cedidas mediante autorização de seus responsáveis, garantindo com isso, o respeito e autonomia pelos sujeitos da pesquisa. Desse modo, foi possível entender como estas tradições estão carregadas de representações e as suas complexidades que ligam mundos e dão sentido à vida.

3.0 Percorrendo o campo e dialogando com as fontes.

Nas festas religiosas, organizadas pela comunidade, perceber-se que o saber é constantemente reafirmado e redistribuído simbolicamente entre os seus membros. Sua expansão, comungada por todos, desenvolve uma espécie de currículo não formalizado ou legitimado pela escola, mas, que apontam normas de convívio comunitário, valores e memória aos antepassados. A tradição é viva e mutante; é revigoradora de identidades e princípios educativos.

Desse modo, compreendemos Hampaté Bâ, (2010), quando afirma que a tradição é a escola da vida e, através dela, recupera e relaciona todos os seus aspectos. “Ela é, ao mesmo tempo,

religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação.” (HAMPATÉ BÂ, 2010, p.169).

As festividades trazem elementos reinantes das vivências ameríndias e africanas. As crianças, presentes em todas as atividades, assimilam estes saberes de forma lúdica no contato com seus familiares e com outras crianças, representando a necessidade de preservação desta forma imaginada de ler as primeiras páginas do mundo, a partir da convivência em seu solo de origem.

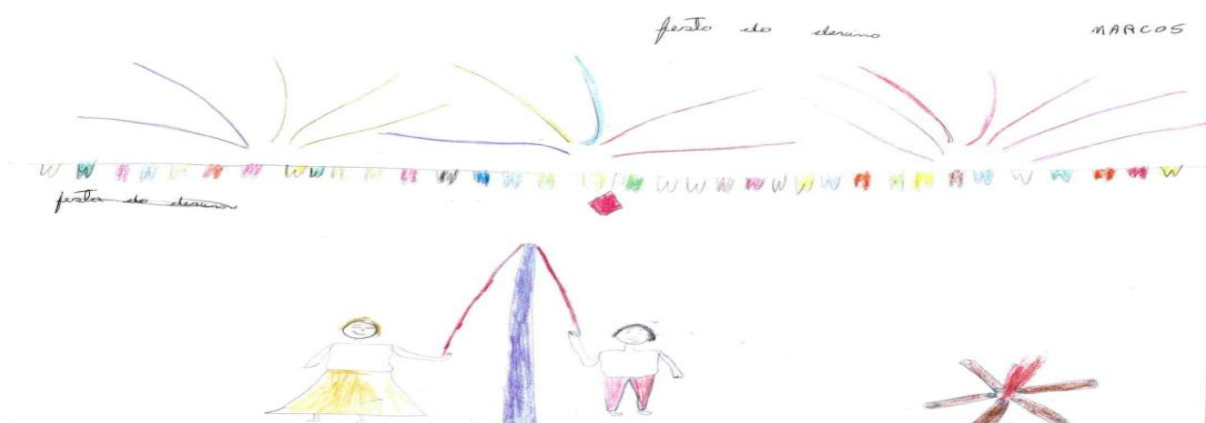
A inserção das crianças nos festejos faz com que elas se vejam envolvidas pelas origens, lutas, disputas, conquistas e outras manifestações humanas que são trazidas através de todo este conjunto das músicas cantadas e das histórias narradas no meio dos fazeres da comunidade. Vejamos.



Representações das crianças das Festas do Divino e de Santo Reis no Mucambo.

Todo este contexto aproxima as crianças da comunidade, dos valores e da importância de sua cultura. Toda esta teia comunal sinaliza discursos sobre a possibilidade de outras formas de educação, envolvidas de regras, condutas e comportamentos que são extraídas das festas sagradas com sua estética configurada nos rituais festivos, sacros e fúnebres; todos compondo um cenário de entendimento sobre a vida e para a vida.

Apresento a seguir a representação das crianças sobre as tradições religiosas da comunidade:



Representações das crianças das Festas do Divino

O campo religioso do quilombo contemporâneo do Mucambo, situado na região do Oeste da Bahia, se configura a partir de elementos peculiares que identificam os comportamentos, saberes e modos de vida dos sujeitos que residem neste espaço. Nesta comunidade, evidencia-se a existência de tradições religiosas marcadas pela fusão de elementos de matrizes africanas, ameríndias e judaico-cristãs que movimentam a elaboração da identidade étnica racial da sua população.



Representações das crianças das Festas do Divino e da Igreja do Mucambo.

Os festejos juninos e de Santo Reis e do Divino obedecem a um calendário anual na comunidade e se caracterizam pela fé, sociabilidade e relações sociais que se entrelaçam e se aguçam. A identidade étnica racial dos pertencidos do lugar é renovada a cada celebração

religiosa, se configurando em uma relação com a territorialidade. O processo de construção desta territorialidade é marca pela relação da terra com as famílias e a soma das histórias de cada um. “A territorialidade não provém do simples fato de viver num lugar, mas da comunhão que com ele mantemos” (SANTOS, 2004, p. 26).

Durante as festividades religiosas há elaboração de um princípio educativo e que está imbricado na constituição de um currículo instituinte que germina novas possibilidades de educar pelas tradições fundadas pela continuidade dos valores de matrizes africanas e ameríndias ressignificadas no Brasil.

A oralidade, corporeidade, circularidade e a ludicidade dialogam nas representações das crianças, desenvolvendo sentidos, gostos e emoções das crianças. O patrimônio cultural do Mucambo assegura o processo educacional delas e, ao mesmo tempo, cultiva formas de vida comunitárias. Esse conhecimento constitui o contexto em que se tecem as teias de significados que recriam incessantemente sua cultura e sua identidade contrastiva, ou seja, a afirmação da diferença. Nas práticas dos moradores das comunidades, há um forte apelo ao reconhecimento dessa identidade.



Representações das crianças das Festas Juninas.

Os processos educativos, neste contexto, são construídos em torno de experiências básicas da vida humana e todos compartilham. Trata-se, então, de saberes que vão sendo transmitidos e assimilados de forma constante e permanente, dando oportunidade de reflexão sobre a necessidade de mudança, sempre que as circunstâncias o exigirem, para que a comunidade possa adequar-se às novas condições do momento. Durante os festejos esses

saberes se condensam e são reafirmados e renegociados, constituindo, assim, um currículo instituinte.

Os mitos locais, as práticas de curas e as histórias sobre a comunidade são transmitidos pelos familiares para as crianças. Essas narrativas são passadas através das produções e são próprias de cada povo que as construíram, segundo o corpo de entendimento que compõe suas comunalidades. Este aspecto é como o que ocorre no Mucambo através das festas religiosas na cultura agrícola da colheita ao preparo da terra, todas operacionalizadas por um trabalho grupal e artesanal, garantindo sua manutenção econômica. Tendo como exemplo o corte da mandioca, a torrada da farinha, dentre outros, elaborados no espaço comunitário, constituindo-se em uma tradição.



A história da minha comunidade

Emerson

Representações das crianças do Mucambo.

Assim, os laços de descendência e a terra, enquanto um bem passado por gerações, movimentam uma resistência política de todos enquanto a afirmação étnica. Este fator constitui na experiência de uma comunidade quilombola e, com ela, suas significações e representações, preenchidas de vidas; e, refletidas nas elaborações religiosas realizadas pelos moradores.

Desse modo, os indivíduos recorrem a esses significados, por eles produzidos, para dar sentido ao seu mundo. Uma vez atados a esse sentido, suas relações, produzidas em coletividade, geram a produção das suas histórias. Mas, as suas interpretações estão direcionadas, em particular, para cada indivíduo; tendo como ponto de partida, um entendimento diferenciado em cada um e, uma vez somado, agrega novos sentidos e significados tecendo a teia da tradição, “fazendo parte de uma relação dialógica ampla com o outro”.

Munanga (2001, p.40) salienta que a identidade não se confere somente a aspectos culturais, mas está presente nos aspectos sociopolíticos e históricos em cada contexto comunitário. Nesta perspectiva, as práticas religiosas se delineiam através das referências culturais e históricas do Mucambo proporcionando seus entendimentos a respeito de sua territorialidade, ancestralidade, conhecimento e pertencimento de todos do lugar.



Representações das crianças das Festas Juninas.

Durante as atividades do grupo focal as crianças também expressaram, nas suas produções, alguns mitos presentes no Mucambo. Os mitos, nesta abordagem, representam os fios, a unidade fundamental das culturas, enquanto formadores de origens e de imagens reproduzidas nos comportamentos de toda atividade de significações e valor da vida por todos os tempos. Para Eliade (1997) o mito é a construção e necessidade do imaginário popular.



Representações das crianças do Mito do Nego d' água.



Representações das crianças do Mito do Currupira.

Assim, os mitos são elementos dinâmicos de comunicabilidade, revividos na consciência da comunidade, com seus próprios cenários, desenvolvendo uma linguagem própria e uma interpretação da vida da comunidade educada para a posteridade.

Neste aspecto, o mito tem uma função educativa, que, por meio da tradição oral, é

transmitido para cada membro familiar durante várias gerações, reconfigurando a construção do contexto cultural e identitário, bem como seu valor histórico.

“Um mito cosmogônico serve, assim, aos polinésios, de modelo arquetípico para todas as “criações”, qualquer que seja o plano em que eles se desenrolem: biológico, psicológico, espiritual. A função mestra do mito é a de fixar os modelos exemplares de todos os ritos e de todas as ações humanas significativas, como, aliás, já foi constatado por inúmeros etnólogos”. (ELIADE, 1997, p.10)

Portanto, o mito é cosmogônico, pois representa o aparecimento de uma nova situação cósmica, não explicável objetivamente, reconfigurando-se sempre no futuro. Ele é também linguagem na construção da vida dos indivíduos em seus vários estágios significativos ligados ao nascimento, infância, maternidade e morte. Qualquer que seja a natureza de sua ação, o mito é sempre um precedente no plano ilustrativo do primeiro suspiro da sociedade.

4. Tecendo algumas preliminares considerações.

Percebemos, mediante o desdobramento da pesquisa, que a comunidade fabrica seus modos de vida, aliada às festividades religiosas, as quais traduzem tudo o que diz. Portanto, a religião, no Mucambo, ultrapassa os sentidos ligados ao utilitarismo, eles são revestidos de identidades e esta se constitui em um currículo instituinte que são absorvidos por todos. Desse modo falam de um lugar e demarcam seus territórios culturais nos textos, nas músicas, nas danças, com formas próprias, e interdependentes.

Através destes festejos, diversas noções se emergem com a finalidade de espelhar novos olhares para as experiências cultivadas pela religiosidade aliadas às vertentes civilizatórias africanas e ameríndias. Todo este repertório é constituído de saberes, por exemplo, as linguagens próprias dos moradores concentradas nas letras das músicas, nos instrumentos musicais e no vestuário que vão cindindo pela força da tradição operando o existir da comunidade.

Os modos de viver são armazenados pela força da religiosidade e vão compondo um novo traçado. As expectativas, emoções vivenciadas no Mucambo, são de grande relevância como propostas para novos caminhos e possibilidades de estratégias educativas, pois trazem estes valores e saberes da comunidade para o chão da sala de aula.

O Currículo instituinte é a transmissão dos valores, dos princípios de conduta e das normas de convívio, permitindo uma afirmação positiva da identidade dos membros de um grupo social, através do qual são transmitidas as normas do convívio comunitário.

Sem uma intenção explícita, este currículo “invisível” desenvolve-se, dando às crianças o necessário conhecimento de suas origens e do valor de seus antepassados, mostrando quem são, apontando para as perspectivas futuras.

É importante que educadoras e educadores estimulem seus alunos e alunas a reconhecerem a legitimidade dos *diferentes saberes* presentes na sociedade e a perceberem como cada grupo sóciorracial contribuiu para a formação da identidade cultural do país.

Diante de uma população escolar, educacional multirracial, como a brasileira, mostram-se imprescindíveis novas práticas didático-pedagógicas que ressignifiquem os conteúdos curriculares e as atividades de sala de aula; para isso, serão preciso recursos diferenciados de ensino, como os presentes nas comunidades quilombolas, os quais nem sempre são apropriados por educadores e educadoras.

REFERÊNCIAS:

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. IN: POUTIGNAT, J. **Teorias etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras**. SP: EDUNESP, 1998.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo:Perspectiva, 1971.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo Focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. DF. Liber Livros, 2005.

GUSMÃO, Neusa M. M. de. Herança Quilombola: Negros, Terras e Direitos. IN: MOURA, Clóvis (org.). **Os Quilombos na Dinâmica Social do Brasil**. Maceió/AL, EDUFAL, 2001, pp. 337-349.

GOMES, Carlos Magno. **Identidades: teoria e prática**. São Cristovão: Editora UFS, 2008. 174 p.

HAMPATÉ BÂ. **A tradição viva**. In: KI-ZERBO (Ed.). *História geral da África: Metodologia e pré-história da África*. História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África / editado por Joseph.Ki-Zerbo. – 2.ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010. 992p.

LE GOFF, Jaques (et. ali). **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão... (et al.). 5. ed. Campinas: Editora UNICAMP, 1992.

LÜDKE, Menga & ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, Pg. 25-44, 1986.

MALCHER, Maria Albenize Farias. **Identidade Quilombola e território.** Comunicações do III Forum Mundial de Teologia e Libertação Presentations at the 3rd Word Forum On Theology and Liberation. 21 a 25 de janeiro de 2009 Belém –Brasil.

MUNANGA, Kabengele (Org.) **Superando o Racismo na Escola.** Brasília: MEC: Secretaria da Educação, 2001.

SILVA, Valdélino Santos. Rio das Rãs à luz da noção de Quilombo. **Afro-Ásia**, n.23, 1999, p. 267-295. Salvador, UFBA.

SANTOS, Milton (2004). **A Natureza do Espaço – técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: 4ª edição. HUCITEC.

VANSINA, J. **A tradição oral e sua metodologia.** In: KI – ZERBO, J. et al. História geral da África. Metodologia e pré-história da África. História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África / editado por Joseph. Ki-Zerbo. – 2.ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010. 992p.